

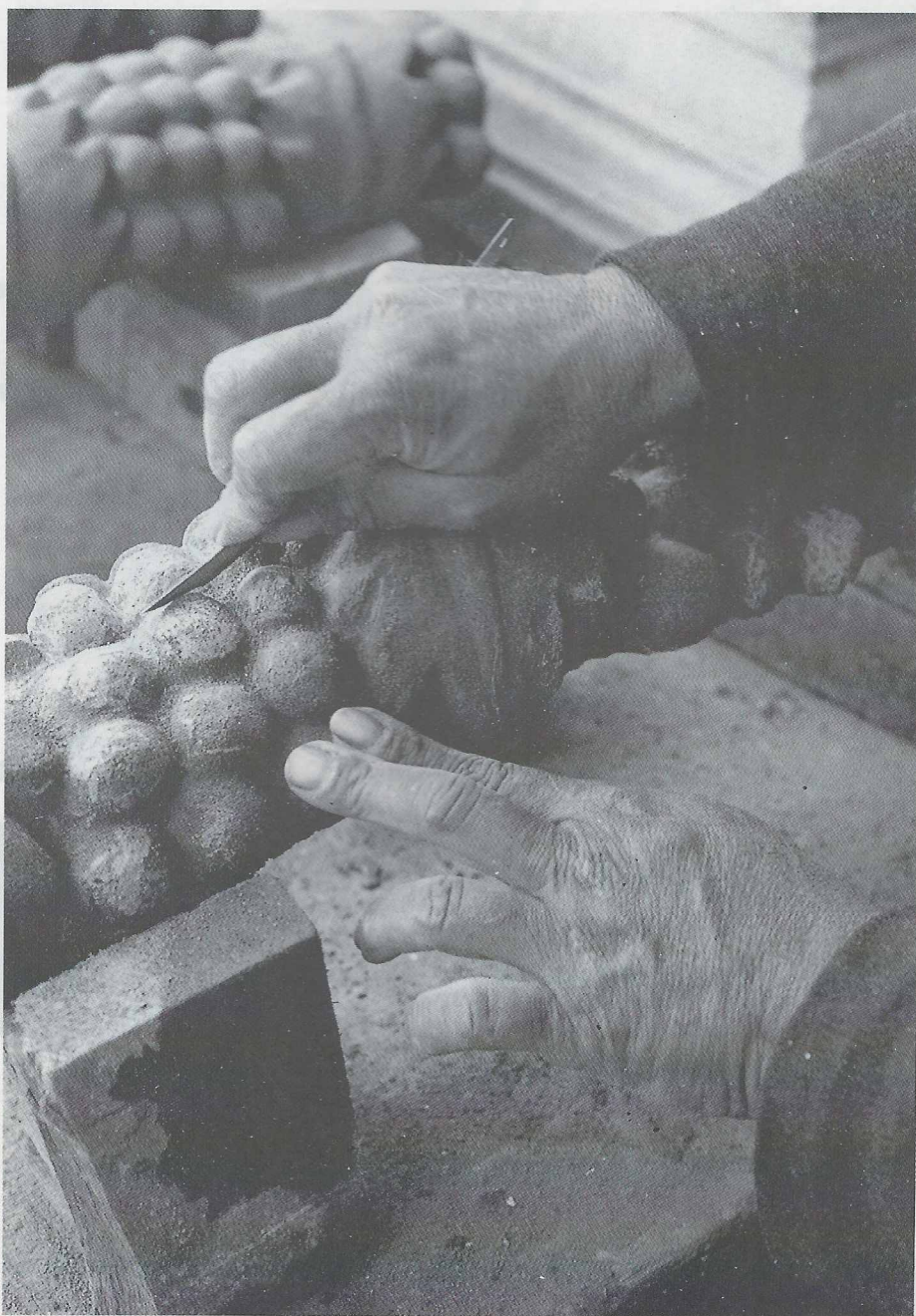
Pelo passado de São Paulo

Uma cidade invisível e de surpreendente delicadeza surge das lentes de Cristiano Mascaro

O fotógrafo paulista Cristiano Mascaro, 48 anos, selecionou 15 fotos suas para este caderno especial. São flagrantes da cidade de São Paulo durante a gestão de Luiza Erundina, que integraram a exposição "Parque D. Pedro II e Palácio das Indústrias", montada em dezembro de 92. A sua publicação em *Teoria & Debate* não tem o propósito de fazer um balanço (favorável) do governo. Isso teria de ser feito com outros critérios. Digamos apenas que elas resultam de um impulso passadista de nossa parte. E utópico.

As imagens que se seguem conduzem a um passado onde repousam certos ideais humanitários. Muitos deles, por certo, nocauteados pela lógica administrativa. Aprendeu-se que "a máquina" não caminha na velocidade do desejo, mas emperra o desejo. À parte as realizações do governo (inegáveis), viveu-se, no plano da utopia, um processo de desencantamento; às vezes de frustração.

Havia um terreno fértil para a sensação de fracasso viscejar, o que colaborou para que pequenas frustrações administrativas reverberassem em (ou em pretexto para) inversões ideológicas. O mandato do PT no município de São Paulo coincidiu, cronologicamente, com o desmoronamento, no mundo inteiro, do "socialismo real". Dentro da esquerda, aqui entendida de forma ampla, entrou na moda desistir das utopias. No caso de am-



PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS



PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS

plos setores da ampla esquerda brasileira, e da paulistana em particular, a desistência se traduziu em adesão à direita. Ex-comunistas apoiaram a candidatura de Paulo Maluf.

Tem andado na moda dizer que o socialismo já era. Como moda, teve seus méritos. Ajudou a desreprimir

os coroinhas que ainda acreditavam nos "pais dos povos", que só diziam amém para os autodecretados líderes da "revolução" e, finalmente, colaborou para corroer a impunidade em que se protegiam os ladrões e genocidas do "socialismo real".

Passada essa fase, parece ter ape-

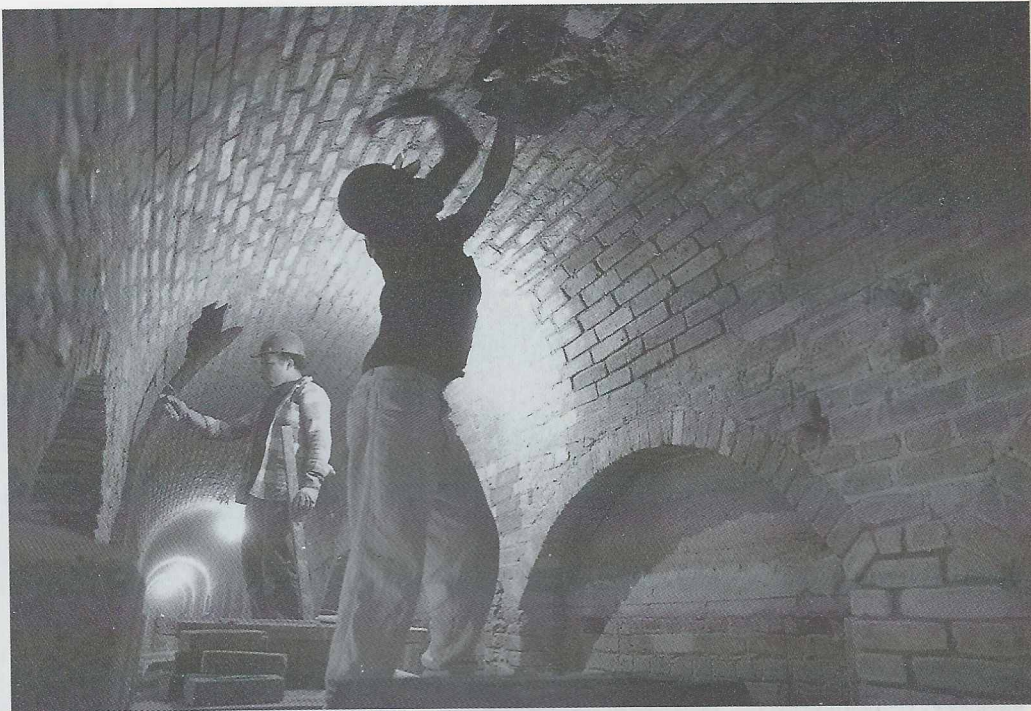
nas deméritos. De repente, à conclusão apressada de que o projeto socialista já não existe, e nem existirá nunca mais, veio somar-se um certo assanhamento pró-capitalista. Temos visto alegres tipos brasileiros, ridiculamente desprovidos de qualquer lasca de capital, declararem-se capitalis-

tas. Temos visto ex-marxistas desembarcarem, em vôos fretados, no *free shop* do liberalismo.

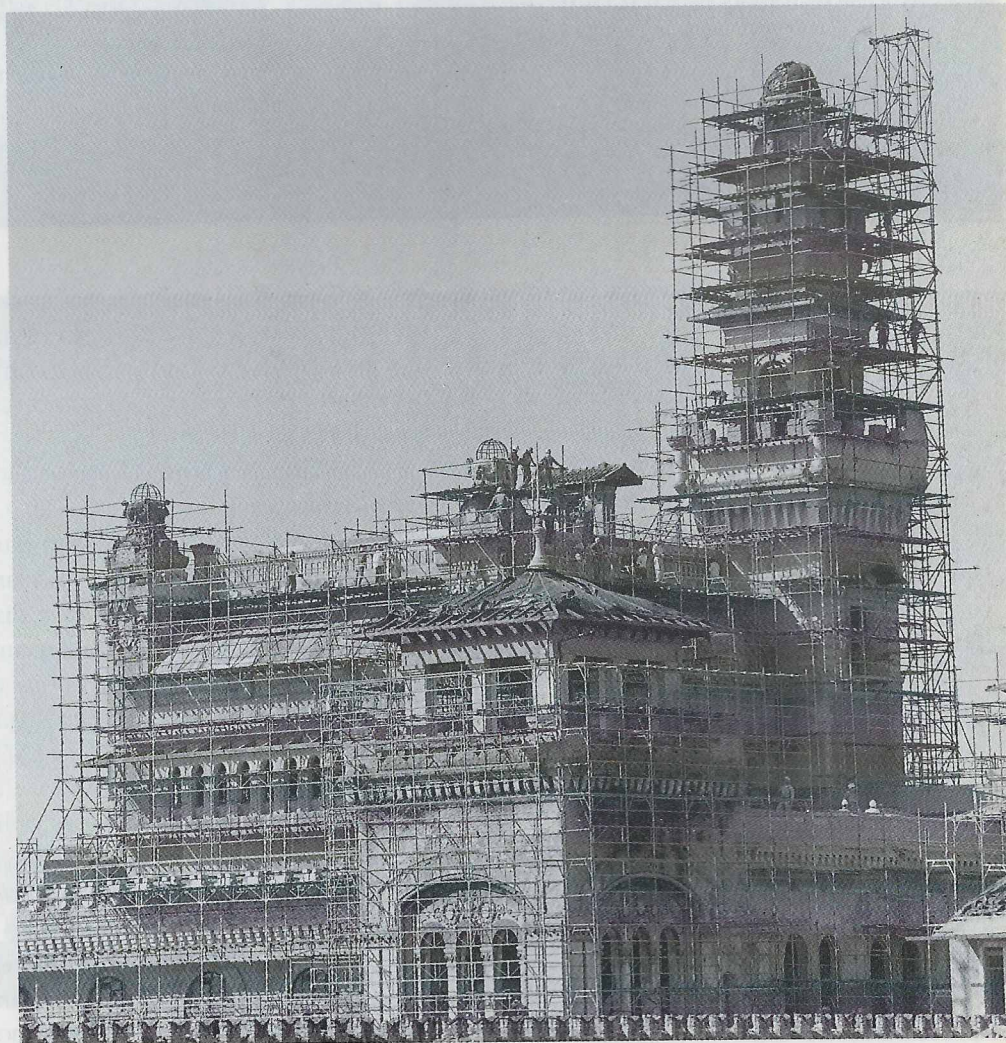
Pelo menos desde a década de 50, na Europa, tem-se insistido na falência dos conceitos de direita e esquerda para designar as forças políticas. Isso virou febre entre nós no final da década de 80. Não por acaso: se não há mais direita nem esquerda, as excursões para a direita deixam de ser excursões para a direita e se rebatizam de excursões para o “futuro”. Da mesma forma, os que partem da esquerda, estão apenas deixando para trás “o passado”. Basta ler o manifesto “Pelo Futuro de São Paulo”, publicado como matéria paga na *Folha de S. Paulo* de 29 de outubro de 1992 e que se revelou um texto de apoio à candidatura de Paulo Maluf à Prefeitura de São Paulo no ano passado, pelo PDS. De direita. Diz ele: “Voltamos nossas vistas para o futuro, interessados em buscar convergências e não em buscar políticas de confrontação do passado.”

Pergunta: qual seria a confrontação do passado? Resposta: a confrontação entre a direita (Maluf inclusive, de forma ativa e destacada), dando suporte à ditadura militar, e a esquerda (boa parte dos signatários do manifesto inclusive), violentamente reprimida pela mesma ditadura.

Em lugar da direita e da esquerda, o manifesto falava na oposição entre o futuro e o passado. O futuro seriam os ventos “modernizantes” (o mercado, a privatização, a abertura ao capital externo etc). O passado, os retrógrados, aqueles que, com o perdão da redundância, buscam suas inspirações nas “políticas de confrontação do passado”. Trata-se de uma visão maniqueísta do passado e do futuro. Não obstante, os recém-admitidos nas fileiras da direita, compondo o pelotão da direita festiva (adjetivo que antes era monopólio da esquerda), costumam acusar a esquerda de



PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS



PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS



VILA ITORORÓ, BIXIGA

ser — além de atrasada e retrógrada — maniqueísta.

Como se sabe, a palavra, originária do filósofo persa do século III, Maniqueu, designa o vício de dividir tudo em dois campos opostos: o campo do bem e o campo do mal. Pretendem os integrantes da nova direita festiva que aqueles que permanecem no campo da esquerda, uma vez desistindo do maniqueísmo, desistam também da oposição entre direita e esquerda. Interessante: para a direita, tornou-se questão de vida ou morte provar que a direita não existe.

Antes de entrar na discussão acerca do bem e do mal, e entrarei nela, passo a algumas distinções menos “maniqueístas” entre direita e esquerda. Como se sabe, os termos, em sua acepção política, têm origem na Revolução Francesa. Os jacobinos (à esquerda da Assembléia), defenso-

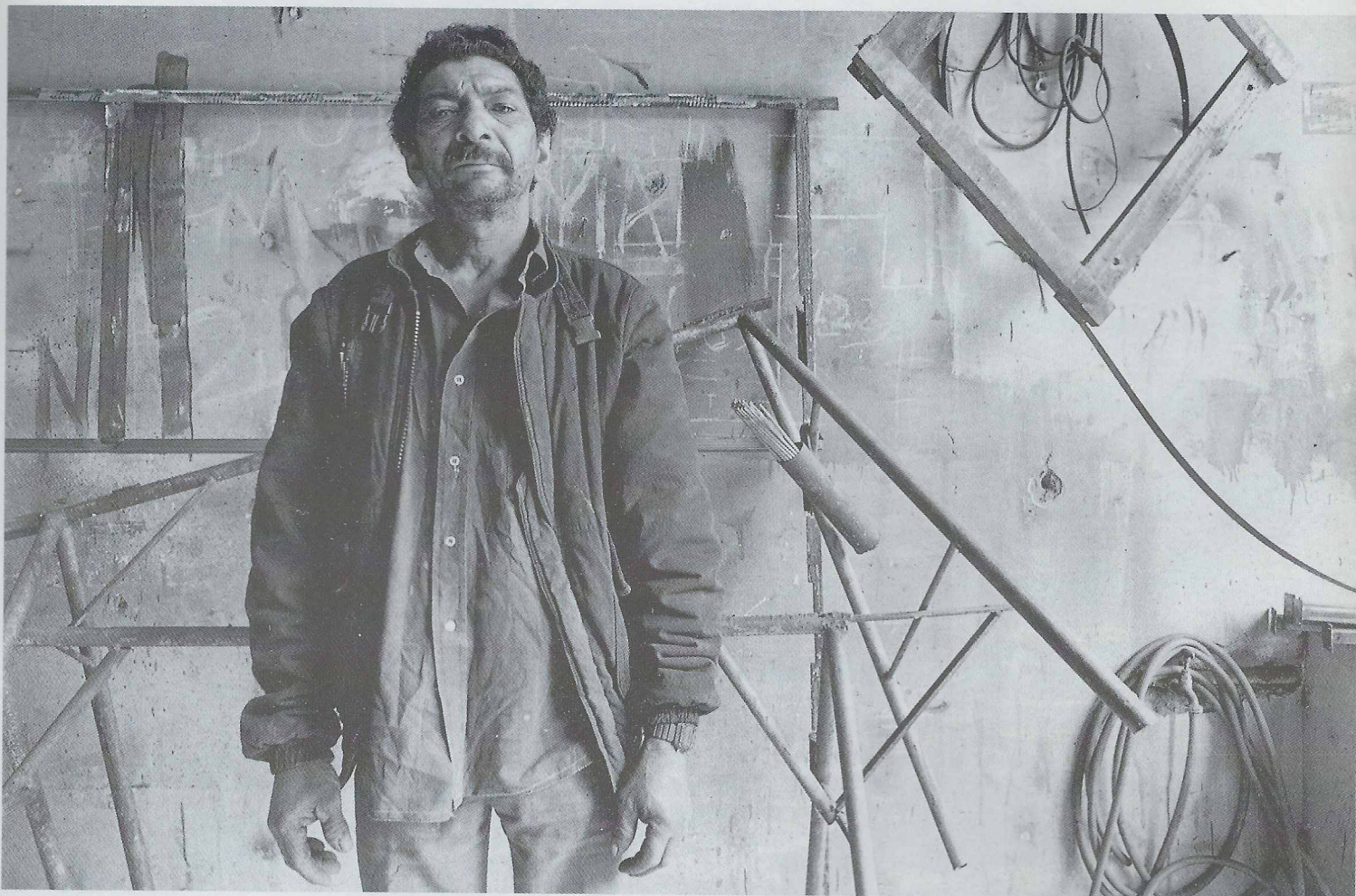
res radicais do igualitarismo e dos métodos mais violentos, se opunham aos girondinos (à direita), tidos como conciliadores por alguns e como restauradores por outros.

O italiano Norberto Bobbio, filósofo ligado ao Partido Socialista e à revista *Mondoperaio*, do mesmo partido, propõe uma outra forma (um esquema) para (re)estabelecer a distinção. Em 1982, ele publicou um artigo no jornal *La Stampa* sobre o assunto: “Atraídos pela direita” (traduzido no Brasil pela *Revista da USP*, nº 9, março de 1991). Segundo ele, poderíamos classificar as forças políticas de acordo com duas variáveis. A primeira se refere à idéia de *igualdade*. A segunda, à *liberdade*.

As forças que buscam estabelecer a igualdade entre os homens, para além da igualdade formal que a democracia (também formal) lhes confere

— que buscam, portanto, transformar a igualdade formal em igualdade material—, seriam as correntes *igualitárias*. E o igualitarismo, assinala Bobbio, é um valor da esquerda. Muitas vezes, porém, a pretexto de “superar” a democracia formal, essas mesmas correntes terminam por desprezá-la, desprezando, assim, os direitos, ainda que precários, que ela assegura aos homens. São esses direitos, fortes ou fracos, que garantem as diferenças, sem as quais o igualitarismo descamba para o massacre do indivíduo. Assim, apesar de *igualitárias*, são correntes *autoritárias* (no que tange à variável da liberdade), sem compromisso com a democracia. Bobbio as chama de “extrema-esquerda”: *igualitárias* mas *autoritárias*.

No pólo oposto, está a “extrema-direita”, aquela que vê com restrições mesmo a democracia formal. Para a



BIXIGA

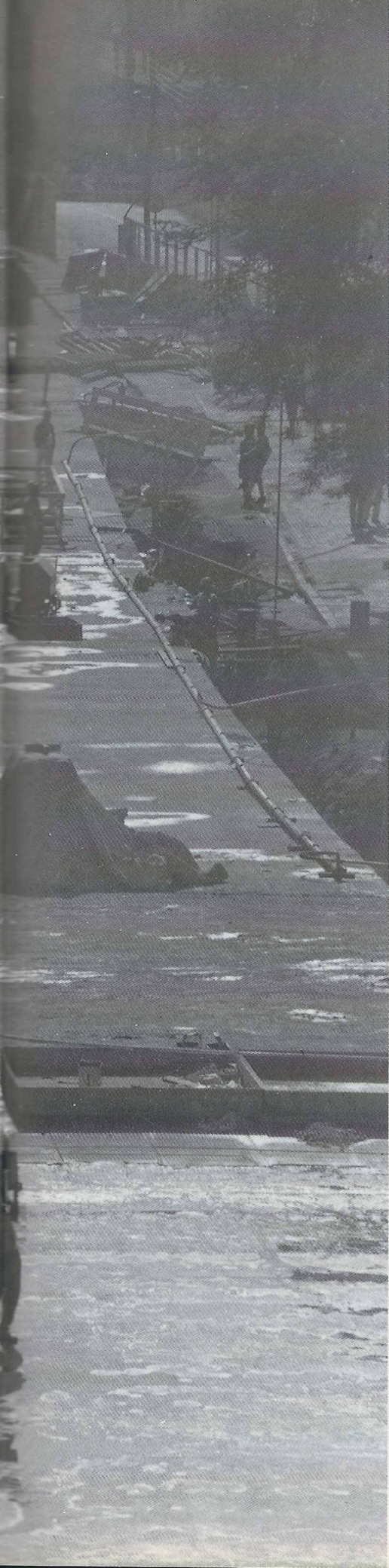
direita extremada, conforme a define Norberto Bobbio, a democracia formal concorreria para igualar os homens além do que seria devido. Por isso, como a “extrema-esquerda”, ela também é *autoritária*, pois também combate a democracia formal, embora não em nome de superar seus limites. O que a “extrema-direita” pretende é destruir os direitos que a democracia formal assegura, mesmo os mais precários, pois, aos olhos dela, esses direitos não garantem diferenças, mas impõem inadmissíveis igualdades. Nessa medida, a “extrema-direita” seria *desigualitária*, além de *autoritária*.

A “esquerda moderada” seria aquela que, evidentemente, aceita operar dentro do campo da democracia formal, transformando-a. A “direita moderada”, embora de inspiração “desigualitária”, estaria também compro-



BIXIGA





metida com a democracia formal. Boa parte do PT — a melhor parte, a meu ver —, se fôssemos nos pautar exclusivamente pelo esquema de Bobbio, estaria, como é evidente, no campo da “esquerda moderada”, essa definição um tanto incômoda. Estariam aí, também os socialistas democráticos em geral, os social-democratas de muitos matizes, democratas cristãos, reformistas etc. Mas, como o próprio Bobbio avisa, é apenas um esquema, com todas as limitações de um esquema. A realidade, claro, é muito mais rica.

Às vezes, porém, um esquema é melhor do que nenhum. Bobbio mesmo diz: “É sempre melhor um esquema qualquer do que a confusão mental da qual só podem sair comportamentos aberrantes”. Olhemos à nossa volta. Estamos ou não estamos diante de comportamentos (e de discursos para justificá-los) aberrantes?

O esquema de Bobbio não dá conta de alguns temas recorrentes no debate brasileiro, como a propriedade, o mercado e a questão do Estado. Os ideólogos de direita, ultimamente, gostam de dizer que seu compromisso é com o mercado — e que seu inimigo é o estatismo. Deixemos de lado a esquizofrenia que há nisso, sobretudo na América Latina, pois a mesma direita que agora é privatista engordou à vontade, assim como o seu capital, sob o manto do estatismo das ditaduras militares. Não estamos diante de discursos racionais, nem razoáveis. Estamos diante de uma moda do direitismo de resultados, de uma direita festiva de comportamentos aberrantes. Mas vamos fingir, nem que seja para efeito de argumentação, que acreditamos na direita (e na nova direita festiva) quando ela diz que defende o mercado. Segundo seus porta-vozes, qualquer um que queira defender o regime de mercado, não importa em que medida, deve antes se filiar às correntes de

direita. No furor do modismo, acusam a esquerda de ser estatista e nada mais que isso. Quem defende o caráter público de qualquer serviço, corre o risco de ser entendido como estatizante.

Ora, sabemos que um serviço público não deve, necessariamente, ser prestado por empresas estatais; do mesmo modo, a existência do mercado e da livre iniciativa não implica a inexistência da ordem pública. Existem, por certo, dentro da esquerda, visões mais estatizantes, assim como existem visões antiestatizantes. Na direita é a mesma coisa: há os estatizantes fascistas e os privatistas de ocasião. Não se acharão distinções fundamentais por esse caminho.

Em que a esquerda é diferente da direita? Por que é que aqueles que ainda se dizem de esquerda não param logo com essa bobagem e aderem à direita, a exemplo dos ex-comunistas? Já que o socialismo real morreu e não melhorou o padrão de vida das suas populações, por que não se render às evidências de que o capitalismo é melhor, até mesmo para os trabalhadores, como a direita apregoa?

Tento responder. Além de ter um projeto igualitário que a direita não tem, a esquerda tem uma escala de valores inteiramente diversa da dela. (Não incluo, aqui, os adeptos das ditaduras, ditas stalinistas, próprias dos regimes burocráticos do socialismo real. Tratarei logo adiante desses setores, que eticamente terminaram por se identificar com a direita. A compreensão — e a aceitação — da democracia e dos direitos humanos como valores universais está na base da ação e da vocação da esquerda contemporânea.)

Para a direita, o mercado há de ser o critério da organização da sociedade. Claro: todos sabemos que, em se tratando da direita brasileira, isso não passa de jogo de cena, é mera hipoc-



VALE DO ANHANGABAU

crisia; na hora “H” ela defende o dela, o mercado que se lasque e o Estado que a socorra. Mas, de novo, vamos deixar isso de lado. Tentemos compreender a lógica do discurso de direita que virou moda. De acordo com essa lógica, o mercado detém o mecanismo de solução dos conflitos, o que é clássico nas teses liberais. Numa palavra: o mercado deve governar o homem.

Do outro lado, a esquerda, mesmo não negando o mercado, diz o contrário: o homem deve governar o mercado. A sociedade, a democracia, o Estado, segundo esse entendimento, devem estabelecer métodos, além e acima do mercado, que dêem conta de regulá-lo, com vistas a atender às necessidades do homem. Principalmente porque, na realidade brasileira, estamos falando de muitos homens que estão fora de mercado, cuja existência, portanto, o mercado, por si mesmo, nem tem como deixar

de ignorar. É preciso que se altere, artificialmente, a ordem das coisas; que se abra aos excluídos o caminho da cidadania. É preciso levar em conta, quando se desenha o projeto social, todos aqueles que se encontram do lado de fora dos benefícios do capitalismo, fora do mercado.

Para a esquerda, o mercado não dará conta dessa tarefa. Por isso, deve estar subordinado a essa tarefa. Para a direita, essa tarefa terá que se subordinar ao mercado; a cidadania é uma decorrência da inserção do homem no mercado, isto é, cidadão é igual a consumidor. Para a esquerda, ser cidadão, antes de ser produtor, consumidor, contribuinte, é ser titular de poder. A cidadania deve governar o mercado, não vice-versa.

A esquerda põe o direito à vida acima do direito à propriedade — esta, a distinção crucial. A direita dissimula. Desconversa. Quando pode, diz que ambos os direitos estão em pé de igualdade, que um é

o complemento do outro etc. Posso dar uma colher de chá para o eufemismo sem arranhar a argumentação: quem diz que vida e propriedade, em tese, estão no mesmo patamar, diz que a propriedade, na prática, está acima da vida de quem não tem propriedade.

Aqui se torna clara a distinção importante entre a esquerda democrática, a que conta, e os ex-comunistas, hoje integrantes da direita festiva. A primeira, embora aceite pensar politicamente também (mas não predominantemente) a partir de categorias que figuram normalmente no repertório da direita — como é o caso da idéia de mercado —, jamais se confundiu com ela no campo ético: para a esquerda, como já foi dito, o mercado tem um significado diverso, porque o direito à vida está acima de qualquer categoria econômica.

Já os ex-comunistas, ainda nos tempos do stalinismo, recusavam-se historicamente a usar os mesmos ter-

mos que os liberais, mas tinham com eles, desde então, essa identidade ética: ao raciocinarem com as categorias do marxismo de forma mecanicista e determinista (ao transformarem o marxismo numa catedral de dogmas e, portanto, na negação do marxismo), haviam, desde muito, abandonado a defesa da vida — e sem defesa da vida não há igualitarismo autêntico. O stalinismo e a velha direita brasileira jamais tiveram compromisso com a democracia.

É por isso que, para os integrantes da direita (ex-comunistas incluídos), hoje, no Brasil, um debate ético seria mortal. Ao acusarem a esquerda de maniqueísmo procuram desqualificar qualquer discussão ética, seja do projeto que a esquerda timidamente tenta esboçar, seja do projeto que a direita ruidosamente alardeia.

A esquerda, de sua parte, tem medo de ser acusada de maniqueísta, o que se explica. Um dos truques de argumentação mais usados pelos marxistas tem sido justamente o de xingar o adversário de maniqueísta. A começar do próprio Karl Marx. Mas é de bom tom lembrar que quando Marx atacava o socialista francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), zombando das ponderações acerca do bem e do mal feitas por ele (em *A miséria da Filosofia*), tinha o objetivo de recuperar o debate para o plano da razão ou, pelo menos, de uma certa razão, que estava encoberta pelas nuvens do idealismo sentimental.

Não importa aqui quem estava certo, se Marx ou Proudhon, ambos de esquerda. A questão é que, hoje no Brasil, não é a esquerda que tem o discurso irracional. Não é ela que fala de um bem ideal (o futuro) que irá vencer um mal imaginário (o passado). Isto posto, não há mal nenhum no fato de ela, esquerda, pretender o bem. E, bem ou mal, o bem e o mal, por menos que sejamos maniqueístas, existem.



VALE DO ANHANGABAÚ



VALE DO ANHANGABAÚ

Os socialistas já acreditaram por muito tempo que a natureza do homem é solidária e fraterna, que todo homem é bom. Os capitalistas vivem repetindo o contrário e enfatizam que eles é que estão de acordo com a natureza humana, pois ela é ambiciosa e egoísta. Acho que, neste ponto, devo concordar mesmo com os capitalistas, o que me afasta deles ainda mais. A ordem social não deve atender à ganância individual, mas

providenciar exatamente o oposto: proteger a coletividade dessa ganância. E aí está o impulso da esquerda. Ele representa uma tentativa de superar a natureza humana, predatória e imediatista — admitindo-se que ela seja assim —, em prol de um ideal de solidariedade.

Isso pode se revestir de um discurso científico e progressista, como querem os marxistas, ou de um discurso piedoso e sentimental, à moda religi-



VALE DO ANHANGABAÚ

osa. Um não é pior nem melhor que o outro. Às vezes, o discurso religioso vira messianismo, mas não apenas ele. O cientificismo marxista já levou os dirigentes, muitas vezes, ao messianismo e depois à frieza que terminou por justificar atrocidades e violações — sob uma maldisfarçada alegação de que os fins justificariam os meios.

Hoje, quando sabemos que os meios determinam os fins, não podemos perder de vista o fundamental. Religiosos ou cientificistas, os discursos da esquerda brotam do ideal de

solidariedade, e isso é o que mais nos importa no momento.

Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), uma das inteligências mais críticas da esquerda brasileira, que dizia não gostar de política, escreveu na sua revista *Clima*, de abril de 1943, alguns parágrafos que vêm a calhar. Está certo que, naquela época, a contradição entre fascismo e democracia carregava de cores muito mais dramáticas, e mesmo deslocava para um segundo plano, as distinções entre esquerda e direita. O que me toca

especialmente no trecho que reproduzo abaixo é que Paulo Emilio, a um tempo lúcido e emocionado, não fugiu das considerações morais e, mesmo sem tê-las como sua finalidade principal, acabou estabelecendo uma espécie de genealogia ética da esquerda. Diante de um futuro nebuloso, e de um presente conturbado, ele buscava sensatez voltando-se para o passado.

“Num plano, o mais geral possível, acreditamos em dois princípios teóricos fundamentais que são defendi-

dos pelo conjunto das Nações Unidas. Primeiro — a igualdade não só política mas econômica de todos os homens. Segundo — o respeito devido à personalidade humana, o direito da pessoa humana à liberdade.

“Para nós, filhos do Ocidente, esses dois pontos fundamentais foram uma conquista devida ao cristianismo como valores conseqüentes da teoria da alma. No drama histórico, que se desenvolve nas raízes e no coração da Idade Média, através a Renascença, a Reforma, as Revoluções Inglesa, Americana, Francesa, Bolivarianas (sic), Mexicana e Russa, até nossos dias, encontramos uma continuidade no que se refere à validade histórica, mais ou menos eficiente, dos princípios de liberdade e igualdade. No fascismo — que se opõe a esses dois princípios, na teoria e na prática, pelas suas castas de superbomens e pelo esmagamento da per-

sonalidade humana — no fascismo denunciaremos o perigo de ruptura histórica da civilização ocidental. Denunciaremos o perigo e a possibilidade da morte dessa civilização. Denunciaremos o cesarismo.”

Sem abdicar da razão, em nenhum sentido, a esquerda é herdeira — fazer o quê? — das tradições igualitárias e libertárias, por mais que o socialismo real fosse cair numa forma deplorável de “cesarismo”, como diria, talvez, o velho Paulo Emilio. De minha parte, só acho que seria lícito acrescentar que, relegar milhões de vidas humanas ao esquecimento, à margem do mercado e da cidadania, é uma forma velada de cesarismo. Ou talvez de cesarismo explícito.

Não há mais nada a dizer. Ao pousar a vista sobre cada uma das fotografias aqui publicadas, é impossível não pensar sobre o passado. A direita costuma dizer que ela, direita,

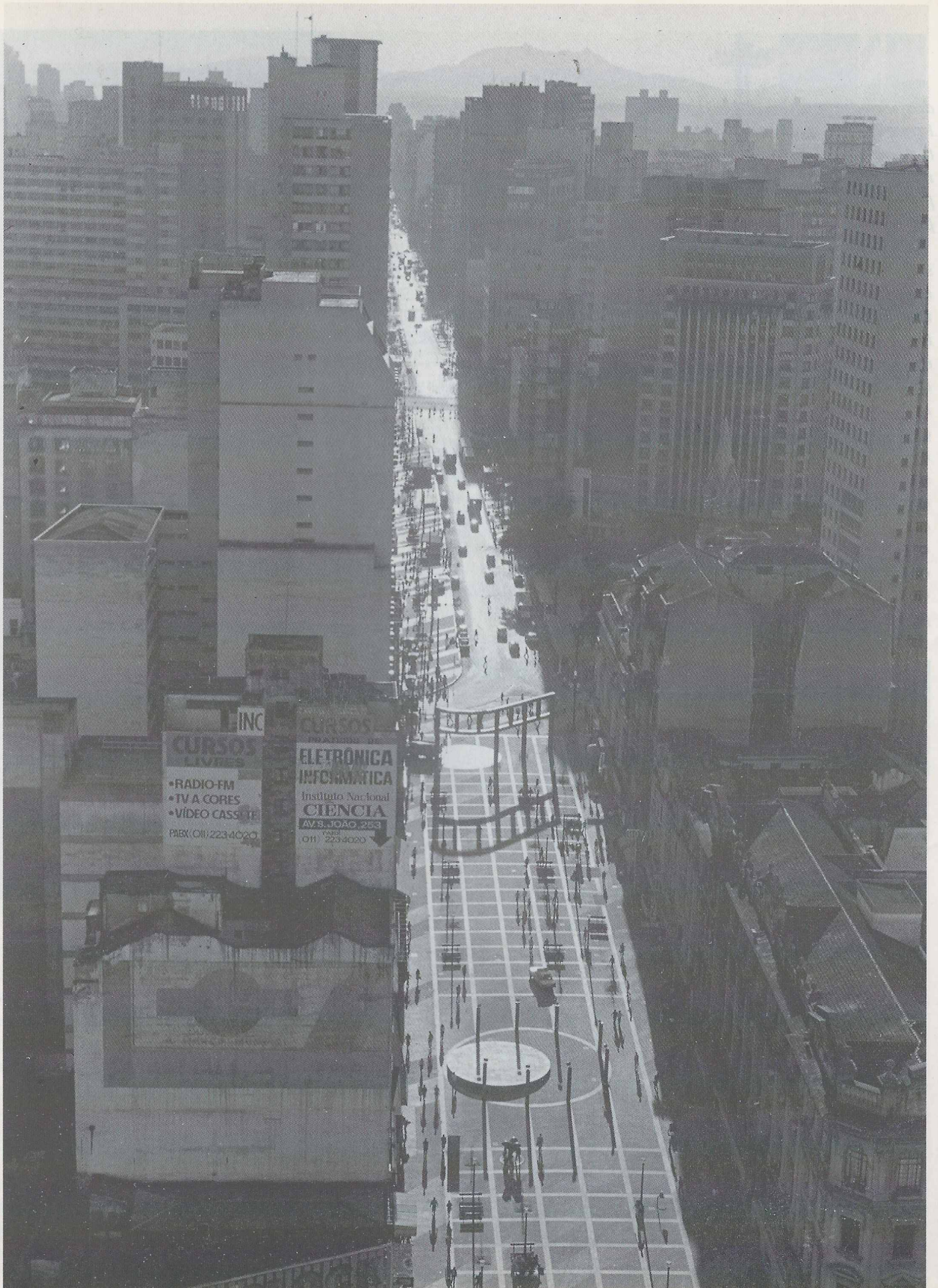
cuida de produzir as riquezas, de aumentar o capital e de injetar novos ânimos na economia; e que a esquerda, depois, corre atrás para dividir, repartir e paralisar.

Não é verdade. Os retratos são habitados por pessoas, espaços, volumes, paisagens tristes e sonhos bonitos. Frustrados, em sua maioria. As imagens denotam que o compromisso da esquerda é com o trabalho e, nessa medida, com o futuro, com a construção de riquezas. Mas a sua simples condição de fotografias, de registro de cenas que já não são, indica que nosso compromisso é também com o passado — e com o passado do passado. Esse compromisso, neste instante, é a melhor diferença a fazer com que nós, da esquerda, estejamos de um lado, e eles, da direita e da direita festiva, do outro.

Eugênio Bucci é membro do Conselho de Redação de *T&D*



AVENIDA SÃO JOÃO



AVENIDA SÃO JOÃO